

OS DESAFIOS DO ENSINO DE ARTES VISUAIS DE FORMA REMOTA ATRAVÉS DO PIBID

RAFAEL LOPES DE PAULA¹; NATAN BOSIN²; CAROLINE BONILHA³

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – rafael.lopes_2011@hotmail.com

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)– nbosinn@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)– bonilhacaroline@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo fazer apontamentos sobre o desafio do ensino de artes visuais de maneira remota. Partindo das experiências e discussões realizadas durante a participação no grupo de ensino do projeto PIBID. É planejado realizar uma análise da estrutura que a escola utiliza para aplicação das atividades, bem como do contexto dos alunos, mostrando a realidade vivida durante o projeto de ensino no qual estamos inseridos. Deu-se especial ênfase na relação estabelecida entre professores e alunos, na dinâmica de entrega de atividades e no *feedback* de atividades já aplicadas. Trata-se de uma reflexão oriunda de um projeto de ensino ainda em andamento e, portanto, sem pretensão de respostas conclusivas.

2. METODOLOGIA

A partir das experiências e discussões realizadas durante a participação no núcleo Artes Visuais do projeto PIBID, foram realizados levantamentos de dados e de relatos de experiência a respeito da estrutura e do canal que a escola parceira do projeto utiliza para aplicação e recolhimento das atividades. Nesse mesmo seguimento de levantamento e reflexão de relatos, também foi feita uma análise geral do contexto familiar dos alunos na realização das atividades aplicadas, mostrando a realidade vivida durante o projeto de ensino no qual estamos inseridos.

No presente momento o projeto PIBID ainda se encontra em andamento de forma remota, e por esse motivo as atividades aplicadas foram analisadas através de relatos de experiência, realizados pelos alunos integrantes do projeto que fizeram a composição e planejamento das aulas, e das professoras que aplicaram as atividades elaboradas e trouxeram posteriormente a conclusão e os resultados das mesmas. O público referencial utilizado dentro deste levantamento foram os alunos do 6º e 7º ano do ensino fundamental e da modalidade EJA de uma escola situada na periferia da cidade de Pelotas-RS.



3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação aos resultados dos levantamentos captados, sendo estes: a análise da estrutura que escola utiliza para aplicação das atividades, a relação entre professores e alunos e a dinâmica de aplicação e feedback das atividades, podemos separar alguns principais pontos através de uma análise processual do ciclo de formulação de atividades, sendo esta apresentada logo abaixo.

Iniciando pelo ciclo de formulação das atividades, pode-se dizer que a cada 15 dias acontece uma reunião por videoconferência entre os bolsistas alunos do projeto PIBID e a professora atuante em cada escola. Na reunião é discutida uma temática principal, a ser desenvolvida com os alunos do ensino fundamental e EJA. Há um constante planejamento de atividades através de cada temática e assim que cada aluno do grupo de estudo termina sua proposta de atividade a professora realiza a aplicação dela, então, através de um rodízio dos alunos participantes, cada atividade produzida sobre a temática principal é entregue a cada semana e depois se realiza uma reunião de devolutiva para discussão de resultados, e por fim o ciclo se reinicia.

A estrutura adotada pelo projeto é resumida facilmente através da fala da professora Mariana Cristiana Mendes, onde a mesma diz:

Compreender as dificuldades dos docentes é um dos primeiros passos a se levantar para que seja possível apoiá-los com diferentes recursos pedagógicos. Construindo uma educação mais inclusiva, crítica e autônoma para os estudantes. (MENDES, 2020, pg. 02)

Este trecho resume bem os objetivos traçados na elaboração do planejamento das atividades, pois, a real intenção dos envolvidos no projeto é trazer diferentes tratativas de trabalho em relação a temática principal escolhida a cada ciclo, possibilitando assim a descoberta de novas vertentes para tratar o tema proposto. Além disso, através desse método também é possível verificar as atividades que mais geram dúvidas nos professores e mais dificuldades nos alunos.

A Professora em questão, por decorrência do período pandêmico se utiliza da plataforma de grupos da rede social Facebook para aplicação das suas próprias atividades e das atividades desenvolvidas pelos alunos parceiros. Assim que os alunos da escola recebem as atividades, tem o período de até uma semana para realizá-las, tendo a professora responsável como suporte para conclusão. Também há uma distribuição dos alunos atuantes no projeto em diferentes grupos do Facebook nomeados por séries de ensino da escola parceira, assim, a cada reunião acontece uma série de discussões através dos relatos obtidos nas experiências do grupo. Essas discussões, somadas a experiência de carreira da professora se cruzam em alguns pontos e revelam aspectos bem interessantes sobre o comportamento dos alunos.

A seguir serão apresentadas as observações mais ocorrentes verificadas nestas trocas de relatos e análise dos grupos.

Entre os grupos mais observados destacam-se três: sexto ano, sétimo ano e EJA. Iniciando pelas séries regulares do sexto e sétimo ano foi observada uma vergonha excessiva em realizar a entrega das atividades diretamente no post da professora procurando muitas vezes o chat privado para efetuarem o envio dos trabalhos e respostas. Em discussão posterior enxergamos que a causa principal desse fato seja o medo de serem submetidos a críticas dos outros alunos do grupo.



Em contrapartida os alunos do EJA se mostraram mais maduros e foram mais desinibidos em relação a essa forma de entrega.

Em relação a realização das atividades percebeu-se certa dificuldade na compreensão de certas atividades mais complexas, como por exemplo a análise de algum texto, interpretação de alguma situação ou vídeo. Assim, pode-se dizer que essa modalidade de atividade muitas vezes acaba gerando um resultado diferente do esperado, pois os alunos não têm o hábito de ler os textos ou interpretar vídeos apresentados na íntegra, limitando seu aprendizado a realizar apenas o necessário para efetuar a entrega das atividades. Percebeu-se também que por serem atividades aplicadas de maneira remota os alunos realizam muitas vezes as atividades com seus pais (ou filhos no caso do EJA), e ocasionalmente há uma certa dificuldade dos próprios responsáveis para compreensão de algumas propostas mais complexas. Também vale lembrar que temáticas como sexualidade e questões de gênero ainda são consideradas como tabus para serem discutidas e não são bem aceitas pelos pais.

Além de todos os comentários aqui já descritos também há um agravante maior ainda da situação, em casos em que o aluno não tem como acessar internet, ou tem uma certa limitação em relação ao uso dela. Em relação a este fato cabe uma citação do professor Paulo Freire, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE (1967, pg.02), onde esta mesma citação promove uma outra reflexão sobre o que fazer em relação aos alunos menos favorecidos e em situações precárias. Porém, vale lembrar que independente das atividades propostas, os alunos também podem optar por retirar alternativas impressas presencialmente na escola.

Em consideração a plataforma utilizada pela escola, pode-se dizer logo de início que o Facebook cumpre com o papel de entrega das atividades aos alunos e oferece a possibilidade discussão do coletivo, porém, como essa é uma situação adversa, os participantes da disciplina não se sentem à vontade para discorrer suas dúvidas e reflexões de forma pública da mesma maneira que uma aula presencial. Esse empecilho poderia ser amenizado com a criação de uma plataforma onde os alunos pudessem acessar as notas, trabalhos pendentes e ter aulas síncronas, trazendo um pouco mais de praticidade e de contato humano mesmo que a distância. Assim, por mais que este seja um momento crítico na reformulação do formato de ensino, aqui também se encaixa uma citação da professora Bell Hooks:

A academia não é o paraíso, mas o aprendizado, é um lugar onde o paraíso pode ser criado. A sala de aula com todas suas limitações continua sendo ambiente de possibilidades. Nesse campo de possibilidades, temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, exigir de nós e de nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permite encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginemos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade. (HOOKS, 2013, pg. 27)

Com base nestas palavras, cabe apenas dizer que os objetivos do grupo de ensino do PIBID continuam sendo os mesmos: buscar o aprimoramento profissional e pessoal dos alunos e professores e o desenvolvimento de atividades diversas como uma forma de construir um novo cenário de aprendizagem e transgredir as barreiras de ensino, coletando cada vez mais relatos e fazendo observações para um constante ciclo de desenvolvimento.



4. CONCLUSÕES

Concluindo, de acordo com os dados e levantamentos apresentados podemos dizer que o ensino remoto na teoria de um método inovador em relação a transmissão da educação, traria certas “vantagens” para os alunos de escolas públicas, exatamente por possibilitar um leque maior de atividades inovadoras, como por exemplo: fazer visitas online em museus, ter uma maior aplicação de vídeos e exploração de softwares para realização de oficinas e construção das composições propostas. Entretanto, está ainda é uma realidade que esta fora do alcance de muitos alunos de rede pública, pois muitas vezes não tem recursos e nem uma instrução adequada para realização das propostas apresentadas, enfrentando dificuldades principalmente com o entendimento das atividades e com o próprio sistema de entrega adotado pela escola, instituição que por ter uma dependência financeira do município não conseguiu realizar a construção de uma plataforma adequada para realização de aulas que poderiam ser síncronas, exatamente pela falta de recursos disponibilizadas tanto para professores, quanto para os alunos.

Por fim vale retomar o pensamento que este ainda é um procedimento de análise de um projeto em andamento e nenhum dos pontos apresentados é um real definidor de uma resposta conclusiva.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

MENDES, Mariane Cristina, **Ensino remoto em tempos de pandemia: o perfil e as demandas educacionais e sociais dos professores**. Anais VII CONEDU - Edição Online, Campina Grande: Realize Editora, 2020.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla- São Paulo. 2013. Editora Martins Fontes,